

DEMOCRACIAS, GOLPES E REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS

XVIII COLÓQUIO DE HISTÓRIA,
VIII COLÓQUIO DO PPGH



UMA DEVOÇÃO ESPANHOLA NA CAPITANIA DE ITAMARACÁ

Carlos Antonio da Silva Lima Filho

Licenciado em Geografia pela UFPE

Especialista em Ciência Política: Teoria e Prática no Brasil pela UNICAP-PE

Bacharelando em Teologia pela FTSA-PR

[caslf81@gmail.com](mailto:caslff81@gmail.com)

RESUMO:

Pretendemos discutir, a partir de instrumentais teóricos, o culto a Nossa Senhora do Pilar e sua influência na formação da ocupação territorial da antiga Capitania de Itamaracá, hoje município que integra a Região Metropolitana do Recife. Iniciaremos analisando algumas fontes já disponíveis sobre a temática para, dentro das nossas limitações, analisar questões referentes à construção da igreja e início da devoção no território da então capitania, nos reportando inclusive, as suas origens europeias. Para além dos elementos que remontam aos primórdios da adoração a Nossa Senhora do Pilar, discutiremos, transversalmente, as razões que possibilitaram a permanência deste culto no imaginário de parte dos habitantes da ilha até os dias atuais assumindo inclusive, o significado de resistência daquele povo, frente aos desafios geográficos presentes no cotidiano daquela comunidade e impulsionando a união em torno da construção de políticas públicas para o bem comum.

Palavras chave: Itamaracá, Devoções, Nossa Senhora do Pilar.

1. Introdução

Este estudo propõe examinar o culto a Nossa Senhora do Pilar e sua relevância na formação da ocupação territorial da antiga Capitania de Itamaracá, atualmente integrada à Região Metropolitana do Recife. Partindo de um referencial teórico que articula religião, cultura e história, buscamos compreender como a devoção mariana moldou aspectos da organização espacial e do imaginário social da região. Inicialmente, revisaremos fontes que tratam da construção da igreja e do início da veneração na capitania, destacando suas raízes europeias.

Em seguida, abordarei a continuidade dessa devoção no cotidiano da comunidade local, investigando como ela se tornou símbolo de resistência frente aos desafios geográficos e sociais. Assim, este trabalho também reflete sobre a força mobilizadora da religiosidade na construção de identidades coletivas e de políticas públicas para o bem comum.

2. Capitania de Itamaracá

A compreensão do sistema de capitâncias hereditárias como um modelo de organização territorial adotado pela Coroa Portuguesa é crucial para interpretar as dinâmicas políticas, econômicas e sociais que moldaram os primórdios da ocupação portuguesa no Brasil. Implantado em 1534, esse sistema estabeleceu a divisão do vasto território brasileiro em lotes, denominados capitâncias, que foram entregues a donatários – homens de confiança da metrópole. Esses donatários assumiam a responsabilidade de governar e explorar economicamente suas capitâncias em troca de lealdade e tributos à Coroa. Entre essas divisões territoriais, a Capitania de Itamaracá se destaca não apenas por sua localização estratégica, mas também por sua relevância histórica no contexto da colonização do Brasil. Este texto busca discutir o sistema de capitâncias hereditárias, com ênfase na Capitania de Itamaracá, e apresentar as contribuições recentes do historiador e engenheiro Jorge Pimentel Cintra, que trouxe uma releitura técnica e científica sobre os mapas das capitâncias.

O sistema de capitâncias hereditárias foi concebido como uma solução pragmática pela Coroa Portuguesa para viabilizar a ocupação e a exploração econômica de seus extensos territórios na América. Dividido em 15 capitâncias, o território foi entregue a donatários por meio de documentos oficiais, como a *Carta de Doação* e o *Foral*, que

delimitavam os direitos e deveres de cada donatário. Entre as atribuições, estavam a administração da justiça, a exploração de recursos naturais e a cobrança de tributos. Por outro lado, cabia ao donatário organizar e financiar a ocupação de suas terras, além de protegê-las contra possíveis invasões ou ataques indígenas.

A estratégia da Coroa ao transferir a responsabilidade da ocupação para os donatários tinha como principal objetivo reduzir os custos diretos da colonização. No entanto, o modelo enfrentou inúmeros desafios, como a vastidão dos territórios, conflitos com populações indígenas, falta de recursos humanos e financeiros e problemas de gestão por parte de alguns donatários. Enquanto capitâncias como São Vicente e Pernambuco prosperaram devido ao cultivo de cana-de-açúcar e ao comércio, outras, como a de Itamaracá, enfrentaram dificuldades para se consolidar econômica e administrativamente.

Concedida a Pero Lopes de Sousa em 1534, a Capitania de Itamaracá foi delimitada entre o rio Paraíba e o rio Santa Cruz, abrangendo parte do atual estado de Pernambuco e da Paraíba. Sua posição estratégica, próxima ao litoral e às principais rotas marítimas, tornava-a um ponto relevante no projeto de colonização portuguesa. Contudo, a capitania enfrentou significativos obstáculos para seu desenvolvimento. A presença de povos indígenas, como os Potiguaras, que resistiam ao avanço colonial, foi um dos principais desafios enfrentados pelos donatários.

Além disso, Itamaracá esteve constantemente ameaçada por invasões estrangeiras, especialmente por holandeses, que disputavam a hegemonia na região nordeste do Brasil. Sua economia inicial baseava-se na exploração do pau-brasil e, posteriormente, no cultivo de cana-de-açúcar, mas não conseguiu alcançar o mesmo nível de sucesso econômico das vizinhas Pernambuco e Bahia. Apesar disso, desempenhou um papel importante na articulação territorial da região e na disseminação do modelo colonial português.

O estudo das capitâncias hereditárias frequentemente esbarra em questões de delimitação territorial. Durante séculos, os mapas das capitâncias foram reproduzidos com base em representações imprecisas, como a cartografia de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, amplamente utilizada desde o século XIX. Entretanto, Jorge Pimentel Cintra, historiador, engenheiro e professor da Escola

Politécnica da USP, trouxe uma nova perspectiva ao revisitar esses mapas utilizando ferramentas modernas de análise cartográfica.

Cintra aplicou métodos de georreferenciamento e análise técnica para reinterpretar os limites das capitania hereditárias, corrigindo inconsistências históricas e fornecendo uma visão mais precisa da organização territorial durante o período colonial. Sua pesquisa demonstrou que as descrições geográficas presentes nas cartas de doação eram frequentemente vagas, o que gerava ambiguidades na interpretação dos limites entre as capitania. Como Cintra observou em um de seus estudos, "a ausência de precisão nas descrições geográficas das cartas de doação foi uma constante, o que contribuiu para divergências posteriores na interpretação dos limites das capitania" (CINTRA, 2011, p. 42).

Um exemplo notável da contribuição de Cintra é sua releitura dos mapas das capitania a partir de dados georreferenciados, o que permitiu localizar com maior exatidão os limites descritos nos documentos originais. Ele destacou que o sistema de demarcação frequentemente utilizava pontos de referência naturais, como rios e montanhas, mas a falta de precisão nas medições e a dificuldade de comunicação no período colonial complicaram a implementação dessas delimitações.

As capitania hereditárias desempenharam um papel fundamental na consolidação do modelo colonial português no Brasil. Além de serem instrumentos de organização territorial, representaram a tentativa de uma administração descentralizada, em que os donatários assumiam grande parte das responsabilidades e riscos associados à colonização. No entanto, o sucesso das capitania variou amplamente, dependendo de fatores como localização geográfica, recursos naturais disponíveis e a capacidade administrativa dos donatários.

A Capitania de Itamaracá, apesar de seus desafios, contribuiu para o avanço da ocupação portuguesa no nordeste do Brasil. Sua localização estratégica facilitava a comunicação com outras capitania e com a metrópole, enquanto sua economia baseada na exploração de recursos naturais ajudava a sustentar as demandas da Coroa. No entanto, sua vulnerabilidade a ataques indígenas e estrangeiros, bem como a dificuldade em estabelecer uma estrutura administrativa eficaz, limitaram seu desenvolvimento.

A análise de Cintra fornece uma visão mais detalhada e precisa sobre como as capitâncias foram estruturadas e como seus limites se relacionavam com o território efetivamente ocupado. Essa releitura cartográfica não apenas corrige erros históricos, mas também ilumina as complexidades do processo de colonização e as interações entre geografia, política e economia no Brasil Colônia. Além disso, suas contribuições destacam a importância de revisitar fontes históricas com uma abordagem técnica, permitindo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas que moldaram o território brasileiro.

3. Devoção a Nossa Senhora do Pilar

A história da devoção a Nossa Senhora do Pilar oferece um rico exemplo de como práticas religiosas podem transcender fronteiras e integrar diferentes culturas. Originária da Espanha, essa devoção remonta à tradição cristã primitiva, mas encontrou espaço significativo em terras brasileiras, moldando identidades religiosas e culturais. Este texto aborda as origens da devoção na Espanha, seu processo de introdução no Brasil colonial e sua permanência em um território de origem portuguesa, demonstrando como a figura mariana transcendeu barreiras políticas e culturais. O conceito de sacralidade, conforme discutido por Mircea Eliade em *O Sagrado e o Profano*, auxilia a compreender a força simbólica e a resiliência dessa devoção ao longo do tempo.

A devoção a Nossa Senhora do Pilar tem suas raízes em uma das tradições marianas mais antigas do cristianismo. Segundo relatos históricos e religiosos, o apóstolo Tiago, desanimado com sua missão evangelizadora na Península Ibérica, teria recebido uma aparição da Virgem Maria em Saragoça, no ano 40 d.C. A Virgem, segundo a narrativa, teria surgido sobre um pilar de mármore, incentivando-o a continuar sua pregação e pedindo a construção de uma capela naquele local. Esse evento é considerado um marco na história cristã, sendo a primeira igreja dedicada à Maria erguida ainda durante sua vida.

A devoção ganhou força na Idade Média, período em que foi associada ao movimento da Reconquista, quando os cristãos lutavam para retomar a Península Ibérica do domínio muçulmano. Durante esse período, Nossa Senhora do Pilar se tornou um símbolo de proteção, força e identidade nacional. A Basílica de Nossa Senhora do Pilar, em Saragoça, foi consagrada como um dos principais santuários marianos da Espanha, atraindo peregrinos de diferentes partes do mundo.

Com o início do período colonial, a devoção a Nossa Senhora do Pilar foi trazida ao Brasil por missionários, colonos e religiosos, sobretudo durante a União Ibérica (1580-1640), quando Portugal e Espanha estiveram sob o mesmo domínio. No Brasil, a devoção a Nossa Senhora do Pilar teve impulso no final do século XVII, onde em 1696 foi erguida uma capela de madeira em Ouro Preto, já bem depois do período conhecido como União Ibérica. Hoje, está presente principalmente no interior de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e em Itamaracá, Pernambuco.

No Brasil, a devoção encontrou solo fértil para florescer, especialmente em regiões como Pernambuco. A Capitania de Itamaracá, no Nordeste, tornou-se um dos locais onde a veneração a Nossa Senhora do Pilar se consolidou. Uma Igreja foi construída em nome de sua devoção, e a celebração de festas religiosas, como a Buscada, tornou-se parte essencial da vida comunitária. A introdução da devoção foi acompanhada de imagens e relatos que narravam a aparição da Virgem, reforçando sua mensagem de fé e proteção.

Além disso, o simbolismo do "pilar" como sustentação espiritual teve grande apelo em um contexto de instabilidade social e desafios econômicos, comuns nas colônias portuguesas. Para muitos fiéis, a Virgem do Pilar representava não apenas uma intercessora divina, mas também uma figura de segurança e estabilidade em tempos difíceis.

Embora originária da Espanha, Nossa Senhora do Pilar encontrou aceitação em um território amplamente influenciado pela cultura portuguesa. Essa permanência é resultado tanto da universalidade da devoção mariana quanto da capacidade adaptativa do catolicismo, que frequentemente integrou elementos culturais locais para fortalecer sua presença em diferentes regiões.

A devoção a Nossa Senhora do Pilar em Itamaracá exemplifica como práticas religiosas podem se adaptar às necessidades culturais e espirituais das comunidades. Ao longo dos séculos, a celebração em torno da Virgem tornou-se um espaço de encontro entre diferentes tradições culturais, mesclando elementos europeus, africanos e indígenas. Festas religiosas, procissões e rituais dedicados à Virgem integraram-se ao calendário cultural e espiritual da região, reforçando sua importância como símbolo de união e identidade.

Em Itamaracá, a devoção assumiu também uma dimensão de resistência cultural. A figura de Nossa Senhora do Pilar foi apropriada como símbolo de perseverança em face das adversidades geográficas e sociais enfrentadas pela comunidade local. Esse papel é especialmente significativo em um contexto histórico marcado pela escravidão, exploração econômica e marginalização social.

Para compreender a força e a resiliência da devoção a Nossa Senhora do Pilar, é útil recorrer ao conceito de sacralidade, como discutido por Mircea Eliade em *O Sagrado e o Profano*. Segundo Eliade, o sagrado manifesta-se como uma ruptura no cotidiano, estabelecendo um espaço e um tempo distintos que conferem significado à existência humana. O episódio da aparição da Virgem a Tiago, portanto, pode ser interpretado como uma *hierofania* — uma manifestação do sagrado que transforma o local em um centro espiritual.

Eliade afirma que "o homem religioso sempre vive em um universo aberto para o transcendente" (ELIADE, 1992, p. 17). Essa perspectiva ajuda a entender como a devoção a Nossa Senhora do Pilar foi capaz de transcender barreiras culturais e temporais. No Brasil, sua figura representou uma ligação direta entre o divino e o humano, sendo acolhida por comunidades que encontraram nela um símbolo de proteção, fé e identidade.

Além disso, a simbologia do "pilar" reforça o conceito de centro sagrado discutido por Eliade. O pilar, como base sólida, não apenas remete à força e estabilidade, mas também à ideia de um ponto de conexão entre o céu e a terra. Esse simbolismo ressoou profundamente em comunidades brasileiras, que enfrentavam desafios cotidianos e encontravam na Virgem do Pilar uma fonte de esperança e renovação espiritual.

4. Devoção espanhola na Ilha de Itamaracá em território português

A história da ocupação territorial no Brasil colonial é complexa e multifacetada, permeada por influências culturais, políticas, econômicas e religiosas. Dentre essas forças, a religiosidade desempenhou papel fundamental na organização social e espacial, configurando-se como um elemento estruturante das comunidades. Um exemplo notável dessa influência está no culto a Nossa Senhora do Pilar, que, acredita-se, exerceu papel significativo na formação da ocupação territorial da antiga Capitania de Itamaracá, hoje município da Região Metropolitana do Recife. Este estudo

propõe investigar essa relação, utilizando entrevistas, visitas à ilha e análise de documentos históricos para explorar como a devoção mariana pode ter moldado o desenvolvimento do território.

A Capitania de Itamaracá foi uma das unidades administrativas criadas pela Coroa Portuguesa no século XVI como parte do sistema de capitâncias hereditárias. A devoção a Nossa Senhora do Pilar, importada da Espanha, encontrou terreno fértil em Itamaracá, adaptando-se às necessidades culturais e espirituais da comunidade local.

Autores como Valdeciro Rodrigues, em *História de Itamaracá* (1972), e Manuel Correia de Andrade, em *Itamaracá: Uma Capitania Frustrada* (1999), destacam a importância de Itamaracá no contexto da colonização do Brasil, pontuando suas particularidades econômicas e culturais. A pesquisa aqui proposta busca expandir esses estudos, analisando como a devoção a Nossa Senhora do Pilar influenciou a ocupação territorial e a organização da Capitania de Itamaracá. Esse objetivo será perseguido por meio da análise de documentos históricos, visitas ao local e entrevistas com a comunidade e especialistas. Pretende-se compreender como a religião, simbolizada pela figura de Nossa Senhora do Pilar, atuou como um elemento aglutinador na formação de núcleos populacionais, construção de espaços de sociabilidade e definição de práticas culturais e econômicas.

Ao longo dos séculos, o culto foi se fortalecendo, tornando-se símbolo de proteção e apoio, especialmente em momentos de crise. Com a expansão ibérica, a devoção foi trazida para as colônias, incluindo o Brasil, onde adquiriu características próprias, fundindo-se com elementos locais.

Em Itamaracá, a devoção à Virgem do Pilar parece ter desempenhado um papel central na organização da vida comunitária. A construção da igreja em sua homenagem, associada à realização de festas religiosas, indica a relevância de sua figura para os habitantes da região. Nossa Senhora do Pilar teria atuado como um símbolo de resistência e proteção espiritual, especialmente em momentos de adversidade, como os enfrentados durante as invasões holandesas no século XVII. Esses eventos não apenas reforçaram a identidade local, mas também contribuíram para a formação de uma geografia sagrada, na qual os espaços dedicados à devoção serviram como marcos territoriais e pontos de coesão social.

A investigação combina diferentes métodos para compreender a relação entre o culto a Nossa Senhora do Pilar e a formação territorial de Itamaracá. Três abordagens principais estruturam o estudo: análise documental, entrevistas qualitativas e observação em campo.

A análise de documentos históricos para identificar registros sobre a presença de Nossa Senhora do Pilar em Itamaracá. Fontes como cartas de sesmarias, relatos de viajantes, inventários e registros paroquiais serão analisados, buscando evidências de como o culto influenciou decisões sobre a ocupação territorial e a organização da comunidade. Obras como a de Valdeciro Rodrigues (1972) e Manuel Correia de Andrade (1999) servirão como base teórica para aprofundar o entendimento sobre a formação da capitania e os aspectos culturais que a envolveram.

Entrevistas qualitativas serão realizadas com diferentes grupos: moradores da ilha, lideranças religiosas e historiadores locais. As perguntas buscarão explorar como a devoção a Nossa Senhora do Pilar é percebida atualmente e quais narrativas históricas foram transmitidas ao longo das gerações. Especialistas serão consultados para discutir o impacto da religiosidade no desenvolvimento territorial.

Visitas e Observação em Campo à Ilha de Itamaracá para observar in loco os espaços religiosos e seu entorno. Serão analisados marcos geográficos como igrejas, capelas e locais de festividades religiosas, buscando identificar como esses espaços se relacionam com a ocupação do território e com as práticas culturais e sociais da comunidade.

O estudo se apoia em referenciais teóricos que exploram a relação entre religião e espaço. A teoria do "sagrado" de Mircea Eliade, em *O Sagrado e o Profano* (1992), é central para esta análise. Segundo Eliade, o espaço sagrado organiza e dá sentido à experiência humana, funcionando como um ponto de referência que transcende a dimensão material. Em Itamaracá, os espaços dedicados a Nossa Senhora do Pilar podem ser vistos como manifestações do sagrado que moldaram a organização espacial e as interações sociais da comunidade.

5. Considerações finais

Este estudo busca apresentar relevância acadêmica ao explorar uma questão ainda pouco investigada: a relação entre a devoção mariana e a organização territorial

no Brasil colonial. Ao destacar a influência de Nossa Senhora do Pilar na Capitania de Itamaracá, a pesquisa contribui para os debates sobre como a religião moldou a história e a geografia das colônias portuguesas.

Do ponto de vista social, o trabalho também possui importância, pois valoriza as tradições locais e fortalece o conhecimento sobre a identidade cultural de Itamaracá. A pesquisa oferece uma oportunidade para resgatar memórias históricas e promover o entendimento sobre como o patrimônio religioso pode influenciar o desenvolvimento territorial e cultural de uma comunidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. *Itamaracá: uma capitania frustrada*. Coleção Tempo Municipal, v. 20. Recife: CEHM, 1999.
- CINTRA, Jorge Pimentel. *A Cartografia das Capitanias Hereditárias: Uma Análise Técnico-Científica*. São Paulo: IHGSP, 2011.
- NEWMAN, John Henry. Fundamentos da Devoção Mariana. São Paulo: Cultor de Livros, 2023.
- RODRIGUES, Valdecirio. História de Itamaracá. Recife: Editora Recife.1972